

## Resenha

LANCELLOTTI, Júlio. **Amor à maneira de Deus**. São Paulo Planeta, 2021.

Bruno Gabriel Gomes Cardoso<sup>1</sup>

(Resenhista)

O espírito político desta obra nos coloca em direção à intenção profunda do refletir prático entre o divino e humano, o político e o social, e entre a crítica e o intelectual. Discutir sobre o amor é construir uma noção para além do romântico, que é enganoso, “é meritocrático” (Lancellotti, 2021, p. 10). O conceito de amor que se traçará aqui vai em direção ao relacionamento entre os diferentes, os excluídos, os que são invisibilizados. O amor é um ato político, uma luta que transcende a existência afetiva, pois, esse amor briga, exige, quer, sonha, e principalmente, sobrevive.

A obra *Amor à maneira de Deus*, publicada no ano de 2021 pela editora Planeta, é escrita por um dos sacerdotes brasileiros mais críticos da atualidade: Padre Júlio Lancellotti. Sujeito este que é rotulado por pregar o amor, a caridade, estender a mão aos mais necessitados e acolher os excluídos. Tal semelhança o coloca próximo à imagem de Cristo, o bom pastor! Que, visto pelo prisma do evangelho não deixa de olhar as suas ovelhas e muito menos de acolhê-las em seus ombros. Ele que busca o seguimento do crucificado, não espanta por ter a atitude que tem e, ao se assemelhar, é perseguido, humilhado, rejeitado, tal qual foi aquele que pagou o preço do madeiro, no calvário.

Nas primeiras páginas o autor desvela de imediato a quem se destina esse livro. Dedicar a Santa Irmã Dulce é dedicar a todos os pobres, principalmente aos que vivem as margens do flagelo e do descaso político. Amar é um ato de coragem, um

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF-RS). Bolsista PROSUC/CAPES-Modalidade II. Especialista em Gestão Escolar Integrada com ênfase em Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção escolar, pela Faculdade de Administração, Ciência e Educação (FAMART-MG). Graduado na Licenciatura em Pedagogia pela Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVISC). Normalista (Magistério) pela Escola Estadual de Ensino normal 1 de Maio, Porto Alegre/RS. Professor concursado da rede pública de Alvorada/RS, atualmente trabalha na Coordenação Pedagógica da EMEF Paulo Freire. E-mail: 206665@upf.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4890122205876761>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1595-3651>.

ato político, por isso escolher amar é olhar socialmente para os que não são amados. Por isso, quando nos diz que “o amor de Deus vai além do discurso” (Lancellotti, 2021, p. 12), convida a entendermos que palavras são muito pouco para suprimir necessidades, para acolher, para ajudar; a palavra tem a sua importância, mas não é suficiente. O amor precisa se destacar em gestos, que partem de uma pura oferta: nem esmola, sem ganância, sem propósito de retorno, apenas uma oblação sincera.

Ainda na introdução, há dois pontos a se destacar: o primeiro é que “amor não é uma palavra” (Lancellotti, 2021, p. 9), mas uma pessoa. Talvez o mais complexo do entendimento sobre o amor seja como uma pessoa se entrega de forma total. Para entender, é preciso olhar para duas atitudes dessa pessoa: aquele que ama o mundo, Deus em sua primeira pessoa como Pai, e entrega o seu filho (segunda pessoa da trindade, ou seja, ele mesmo) como holocausto de amor. E ele sendo a própria oferta.

O segundo ponto é amar sem medo da consequência, pois se soubéssemos os fins a que amor nos leva, seria possível que não amássemos mais ninguém, ou melhor, recorrêssemos apenas ao amor meritocrático e capitalista. Ama quem merece. Ama quem pode algo devolver, como se fosse um fundo bancário. O amor conceitualmente deve ser visto ainda como aquele que não busca nada em troca, não tem interesse, nem se limita, não se amedronta. O amor busca, é paciente, compreensivo e esperançoso. A carta de São Paulo a Coríntios, capítulo treze, traduz muito bem o conceito macro do amor.

Amar alguém sem uma métrica é o ocioso do coração discipular, traduzindo ainda que o calvário equivale a amar aquele que menos preço tem, e por isso é espantoso. O primeiro capítulo, com o título “O escandaloso amor de Deus” (Lancellotti, 2021, p. 17), descreve que este não se resume em um ato eufórico, passageiro, sem raízes ou sem sentido. É escandaloso porque supera todas e quaisquer formas limitadas de expressar amor. Vai ao encontro, busca mesmo sendo rejeitado. Por isso, sua face misericórdia olha para quem o rejeita, porque entende que essa escolha não é totalmente sua, pois há causas que levaram o sujeito a essa escolha. Mesmo que aqueles que os rejeitem sofram a perseguição do mundo, humilhados e abatidos por uma sociedade que seleciona, ele continua a escolher.

O ato político desse bom pastor é o amor. Em outras palavras, traduzimos a equiparação digna, enquanto a uma divisão injusta, ele reparte o pão. Quando resta apenas a morte, ele ressuscita, vida nova ele dá. Se o horizonte é aceitar a doença, a

esperança da fé resgata o nazareno. A diferença está na significação do caminho, na possibilidade de dizer que nada está consumado, sem que a luta seja a utopia viável. Não é possível aceitar os limites impostos por uma distinção sem fundamento, e que a história humana replica séculos a frente. O autor motiva a termos Jesus como espelho público, que “ignora as críticas porque ele é o pastor que dá a vida pelas ovelhas” (Lancellotti, 2021, p. 22), e, ao modelo disso, luta junto de forma palpável, quando ocupa o seu entendimento na legislação e dá aos pequenos na “Casa Vida” (Lancellotti, 2021, p. 23) uma obra social que proporciona dignidade humana, ação que interliga a dimensão da política, do amor e da fé.

“Isso requer mudar a chave do pensamento” (Lancellotti, 2021, p. 41), para que as condições, os condicionamentos não sejam determinantes na vida de alguém. A sede de mudança, o enfrentamento contra essas limitações impostas pelos que dominam ou obtêm algum tipo de poder social, deve passar por uma transformação de sentido, que corrobora para bem comum. Só então conseguiremos fazer a manifestação do amor.

Os capítulos dois e três carregam uma marca antagônica: como falar de amar os pequeninos e amar os poderosos, amar o oprimido e amar o opressor a partir de um mesmo lugar, que é o amor? Essa bela dicotomia mostra a face de um homem divino e humano, que enxerga os problemas do oprimido e deles se aproxima. Olha para as verdades feias do opressor e os educa. O “bom pastor é atento” (Lancellotti, 2021, p. 48), por isso, é capaz de enxergar e ter compaixão entre os distintos, mesmo que um pareça perverso. A frase “Deus amou o mundo” não exclui ninguém; a cada tentativa ela busca equiparar e educar ao mesmo tempo.

Essa educação dos opressores está em Paulo que se converte, está em Agostinho, em Francisco, está em todos aqueles que perdem o sentido do humano e são restaurados com o despertar. O autor desvela que não é possível pôr em ordem as injustiças e medir o amor numa escala. Por isso, o amor de Deus não é igual para cada sujeito, ele é um amor único. Se assim fosse, ao medir o amor, estaríamos entendendo uma meritocracia divina no lugar da misericórdia. A exigência do despertar do opressor é não “ser indiferente aos sofrimentos dos meus irmãos” (Lancellotti, 2021, p. 63). Esse é o *insight* da conversão, o estalo que é necessário para que o humano sinta a dor do outro humano.

Ao pensar no pequeno, no flagelado, no oprimido, deve se pensar em quem comete o ato truculento de inferiorizar, excluir e limitar alguém. Por isso, quando mencionado que ambos os capítulos (dois e três) são antagônicos, mas muito próximos, convida-se a buscar o entendimento de como resgatar o sentido humano de cada um, de modo particular. Um ponto crucial é que para ajudar os pobres, os pequenos, não é suficiente apenas estender bens materiais, valores financeiros e até mesmo alimentá-los. Ajudar os pequenos exige uma vigilância política, social, crítica e sensível. Em outras palavras, não é fazer um cuidado paliativo, mas é promover a ascensão desses sujeitos, é mostrar um horizonte, possibilitar um caminho e lutar junto com eles pelo bem comum, que é viver em dignidade, principalmente por lhes ter sido roubada essa oportunidade. Situando-nos, “Amá-los é mudar nossa maneira de pensar, pensando a partir deles. É renunciar às nossas convicções arraigadas, nossas posições preconceituosas” (Lancellotti, 2021, p. 69).

O poder não tem outra serventia senão a opressão. O estalo mencionado acima é a viabilidade necessária para que a compaixão floresça. Para amar os poderosos, é necessário ter resistência, é dizer não, é se opor, até que despertem desse coma imposto pelo capital, que julga alguns corpos como viáveis e outros não. Amar “não é ser omissos diante das injustiças” (Lancellotti, 2021, p. 91). “Amar é se manifestar e defender”, e essa é a preocupação formativa: apontar os erros, corrigir, sensibilizar para se aproximar dos pequenos e nos pequenos, grande se fazer. É no ato de direção fraterna que Padre Júlio sugere que os poderosos percorram o processo ontológico de ressignificação do ser que todos merecem.

O “amor no seguimento de Jesus” (Lancellotti, 2021, p. 99) é o título do quarto capítulo. Por mais subjetiva que seja a interpretação posta, o destaque central é que amor não é uma esmola, o resto de algo: isso não é caridade. A crença restritiva de que o amor deve ser distribuído só em momentos especiais, sejam eles catastróficos ou comemorativos, é mero *status*, nada de amor, mas apenas vantagem de tempo que faz alusão a algo, ou alguém.

O amor do seguimento é solidário o tempo todo, pois busca compreender o que anseia a ovelha abandonada. Novamente o autor discute que essa política que o amor defende não é imparcial. Significa que assume um partido, uma face, distribui em medidas necessárias para uma possível dignidade comum. O sentido de igualdade não cabe julgar, pois cada sujeito parte de um lugar, de uma realidade, de uma

condição, e tentar alinhar, ou dar as mesmas condições, desconsidera as variáveis da sociedade.

Ser solidário é mostrar para os pequenos que alguém se preocupa, quer bem, pensa nele ou nela. Chegamos aqui ao mais próximo do sentido macro do amor divino, de modo que “não adianta apenas se indignar. É preciso se envolver” (Lancellotti, 2021, p. 125), e para isso é preciso se aproximar, ir ao encontro, compreender que a compaixão exige uma postura atenta, ação sobre a situação. A timidez não pode ser um obstáculo. O que queremos fazer precisa ser feito diante qualquer dificuldade, é preciso estar disponível para sentir a dor do outro.

No quinto e último capítulo, o autor não deixa de afirmar que a experiência forma o sujeito. Seja nas experiências de alegria, de encontro com a dor do outro, mas é sempre com o outro, e com muito trabalho, que Padre Júlio Lancellotti vai se formando e vivenciando o coração de carne que espera Cristo que lhe assemelha. É nas alusões às experiências de trabalho que vai afirmando o esforço do cuidado digno a seu irmão, e não seria diferente.

Uma breve ilustração que é clássica ao cristianismo e que se desvela na obra é que todo o calvário gera um jardim, uma flor que nasce em meio ao deserto. “Porém, não dá para chegar ao domingo da Ressureição sem passar pela Sexta-feira da Paixão, isto é, pelas consequências das escolhas que você faz” (Lancellotti, 2021, p. 129). Essa metáfora anuncia que é impossível ao humano que deseja gerar o bem, ser semente do amor, não passar pelo sofrimento do geminar, acolher a tribulação daqueles e daquelas que sofrem. É sofrer junto, até mesmo sem entender o que realmente machuca no coração de uma mulher, uma travesti, uma pessoa negra, uma criança, uma pessoa que vive com algum estigma patológico (IST, câncer, deficiência etc.), daqueles que vivem na margem da prostituição, da pobreza e do cárcere. Olhar para cada um exige compaixão, não a falsa moralidade da pena. Amar exige doação e “Jesus foi pregado na cruz pelas consequências da vida que levou”, desafiando a forma de amar (Lancellotti, 2021, p. 129).

O preço do amor talvez custe muito para o capitalista, visto que exige o despojar de si, principalmente o tempo. Há possibilidades de receber em troca o amor pelo amor, àqueles que findam sua história como mártires dos pobres, que se consomem lutando e não veem a desigualdade material, social e política findar, assim como foi com Francisco, Clara, Teresa, Dulce e que, infelizmente, Júlio não verá.

A esperança que está nas mãos dos que trabalham mostra que a fé se mantém firme naqueles que ainda fazem muito, que trabalham incansavelmente para promover o reino do Amor, sem que eles mesmos acreditem. Os que desacreditam, porém, continuam a se doar, acreditam muito mais do que aqueles que fazem pensando no que um ato pode gerar no futuro. As marcas do amor são, sem sombra de dúvidas, visíveis: da gratidão de quem cuida e é cuidado, quem é reeducado a amar, quem aprende a se doar pela doação, quem chora, quem sofre, quem sente, quem experimenta e quem anuncia e faz muitos outros serem anunciante desse amor.

*O Amor à maneira de Deus*, nas suas conclusões, não deixa de explicitar que o significado de amor, ao modo como Deus nos ama, é o de encontrar, no meio da peste, da desilusão, do sofrimento, da raiva, do nojo e do preconceito, motivos para amar. Há uma sentença desta obra que mostra que amar pode ser educado, que amar não é uma consequência, mas uma circunstância da experiência daqueles que se põem a caminho, visto que: “Conviver com os que sofrem e carregar suas dores faz parte da minha identidade. Eu não sei ser padre de outro jeito” (Lancellotti, 2021, p. 154). O sacerdote deixa nítido: uma vez posto a mão no arado, escolhido os que sofrem, não há como abandonar, pois ele carrega em seu código vocacional a causa dos que não experimentaram ainda o amor de Deus.

A obra nos deixa inquietações diante do mundo: é possível ver tamanho sofrimento sem que tenhamos compaixão? Essa compaixão, que é a justa indignação, pode se tornar ação? A quem iremos amar e dedicar o amor, se não pelos nossos e pelos marginalizados? Para o cristianismo, não cabe medir o amor ralo, supérfluo, como elucidado inúmeras vezes em seu jeito de ser. Todavia, o amor humano exige desvelar a face da misericórdia daquele que muito nos amou — e que é o próprio amor.

O que ainda cabe dizer, antes de motivar a leitura integral da obra, é que “quem ama muito é capaz de amar” (Lancellotti, 2021, p. 157). À medida que ampliamos nossa capacidade de amar, mais desafios sobre o amor nos colocamos a entender. A pedagogia do sacerdote busca não somente se autoeducar, mas fazer com que outros entendam que, gerando o bem sincero, estamos educando uma sociedade que ultraja sem ter noção do divino em cada um. A epifania do Ágape, nesta pedagogia, é que o amor à maneira de Deus é particular a cada criação. Deturpá-la é profanar o sagrado. Por isso, quem ama, ama em gesto, em obra, para que a obra seja tão viva (Ti 2,17)

e próxima daquele que amou o mundo até o fim (Jo 13,3). Aos futuros leitores, espero que questionem: onde está o amor? De que forma estou amando? E permitam-se reconstruir o sentido do amor, esse que é divino, humano, político, social e formativo.

Recebido: 31/08/2025

Aprovado: 03/03/2023